



ISSN: 1983-8379

A autobiografia e o romance autobiográfico

Gabriel Moreira Faulhaber¹

RESUMO: O trabalho em questão pretende uma abordagem dos gêneros autobiografia e romance autobiográfico a partir do conceito de pacto autobiográfico do crítico e teórico francês Philippe Lejeune. Busca-se, principalmente, partindo desse conceito, verificar como a autobiografia e o romance autobiográfico se diferenciam, o que os opõe e o que os aproxima e como cada um deles se comporta, com relação à recepção.

Palavras-chave: Autobiografia; Romance autobiográfico, Recepção

RÉSUMÉ: Dans cette étude, on s'intéressera au fonctionnement de deux types d'écriture de soi, l'autobiographie et le roman autobiographique, à partir du concept de "pacte autobiographique", forgé par le théoricien et critique français Philippe Lejeune. On cherchera à vérifier ce qui les oppose et ce qui les approche et comment ils se comportent en ce qui concerne leur réception.

Mots clés: Pacte autobiographique ; Autobiographie ; Roman autobiographique ; Réception

Introdução

Quando se aborda assuntos referentes à autobiografia fica, de certa forma, seja para concordar ou não, inevitável falarmos de Philippe Lejeune e seu conceito de pacto autobiográfico.

Como nesse trabalho, pretendemos apresentar um paralelo entre a autobiografia e o romance autobiográfico, começaremos com a exposição do conceito de pacto autobiográfico, com exemplos presentes na literatura brasileira, além de apontar a defesa que o autor faz de seu conceito, com relação a uma das principais críticas direcionadas a ele, para em seguida, apresentarmos as diferenças existentes entre os gêneros citados, principalmente no que se refere ao modo de leitura de cada um.

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora



ISSN: 1983-8379

1.O pacto autobiográfico

O Pacto autobiográfico é um conceito criado pelo teórico e crítico francês Philippe Lejeune. O termo surge pela primeira vez no ano de 1973, em um ensaio intitulado “O Pacto autobiográfico”, publicado na revista *Poétique* e reaparece em 1975 como um ensaio que abre um livro que também recebe o título de *O Pacto autobiográfico*. É um texto que não só auxilia, mas consolida a definição de autobiografia como gênero, objeto de análise crítica e a legitima e inclui no território do literário. O texto foi criticado como sendo normativo e até mesmo dogmático. O que é assumido pelo próprio autor, em seus retornos a ele, no ano de 1986 com “O Pacto autobiográfico (bis)” e no ano de 2001 com “O Pacto autobiográfico 25 anos depois”. Nessas revisitas Lejeune reconhece o teor normativo de seu conceito, no entanto admite a necessidade de tal postura, devido a sua intenção que foi declaradamente a de inserir a autobiografia no campo literário, retirando-a da categoria de mero documento sobre a vida do autor, usado pela crítica biográfica tradicional como um simples instrumento para interpretar sua obra.

O Pacto autobiográfico é uma espécie de proposta do autor, um discurso dirigido ao leitor que visa estabelecer um contrato de leitura. Esse contrato é baseado, acima de tudo, na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem. Essa identificação é feita através do uso do nome próprio e pode ser estabelecida de diferentes formas.

A primeira, e mais óbvia, é quando narrador e personagem possuem o mesmo nome, remetendo a uma pessoa existente, registrada em cartório, que seria o autor da obra. Outra forma de afirmar a identificação é quando o personagem não tem nome na narrativa, mas o autor dá indícios de identificação com narrador-personagem, através de títulos, preâmbulos e

2



ISSN: 1983-8379

prefácios que remetem ao nome desse autor assinado na capa. Existe uma terceira forma de constatar essa identificação que não é diretamente explicitada como nas formas citadas anteriormente. É quando o autor deixa pistas, ao longo de sua narrativa, como títulos de suas obras anteriores, menção à sua profissão, nome do pai e da mãe ou até mesmo uma passagem rápida, na qual seu nome próprio aparece. Tais pistas permitem ao leitor associar o narrador-personagem ao nome do autor, assinado na capa. Por outro lado, segundo Lejeune, não haveria pacto, logo não haveria autobiografia, quando o nome do narrador-personagem difere do nome do autor, impossibilitando qualquer forma de identificação. Para Lejeune, a assinatura do autor, seu nome, sustenta o pacto autobiográfico. No caso dos textos autobiográficos, há ainda um pacto referencial — coextensivo ao pacto autobiográfico —, semelhante àquele que é firmado pelo jornalista ou historiador. Porém, no caso das escritas de si, o objeto sobre o qual o autor promete falar é ele mesmo.

Dou como exemplo duas obras nas quais encontramos o Pacto autobiográfico no Brasil. Em *Como e porque sou romancista* (1983), de José de Alencar, o pacto é estabelecido diretamente, pois se trata de uma obra que é apresentada na forma de uma suposta carta, na qual o autor relata a um amigo o processo de sua formação como escritor. Cito o início da obra:

José de Alencar

MEU AMIGO

Na conversa que tivemos, há dias, exprimiu V. o desejo de colher, acerca da minha peregrinação literária, alguns pormenores dessa parte íntima de nossa existência, que geralmente fica á sombra, no regaço da família ou na reserva da amizade (ALENCAR, 1959, p.101)



ISSN: 1983-8379

Percebemos, ao lermos o trecho citado, que Alencar firma o pacto logo no início, quando assina seu com seu nome próprio o início da carta

Já em *Um Homem sem profissão. Sob as ordens de Mamãe* (1954), de Oswald de Andrade, o pacto não é estabelecido diretamente como no caso de José de Alencar, que como foi dito, o estabelece ao assinar a suposta carta. No caso de Oswald, o estabelecimento do pacto se dá com o nome aparecendo em uma rápida passagem, além de outras pistas ao longo da obra que permitem a identificação narrador-personagem ao autor. A menção ao nome surge na seguinte passagem:

Tenho uma vaga lembrança de minha avó, seca, velha, de óculos e grande leitora. Aliás, atribui-se a ela Oswald a origem de meu nome sem o *o* final (ANDRADE, 1971, p.30)

Essa concepção do pacto como um contrato, remete ao campo jurídico, no qual o autor nos apresenta uma proposta de nos dizer a verdade, selando-a com o uso do nome próprio. O Pacto autobiográfico se tornou um importante conceito, pois consolida a autobiografia como gênero, possibilitando-a de ser estudada de forma crítica e analítica.

Apesar da importância e da produtividade dessa definição, o conceito sofre diversas críticas. Uma das principais aponta para o fato de ser impossível se resgatar um sujeito pleno anterior ao texto.

Lejeune responde a essa crítica se fundamentando no conceito de "identidade narrativa" de Paul Ricœur. Nesse conceito, o filósofo propõe o que chama de identidade *ipse*



ISSN: 1983-8379

como alternativa para pensar o sujeito, como solução ao cogito rompido — à noção nietzscheana de um eu múltiplo e fragmentado, no qual não haveria um substrato, um agente por trás da ação —, mas sem retornar à identidade *idem*, imutável, que supunha o sujeito cartesiano. É essa identidade *ipse*, que não é um “mesmo”, sempre idêntico a si, mas um “si mesmo como um outro”, que caracteriza a identidade narrativa. Ela não implica em nenhuma afirmação relativa a um pretense núcleo não mutável, mas é dinâmica, podendo se superar. Ela acolhe em si o outro: existe alteridade no sujeito. Portanto podemos dizer que em autobiografias e outros textos regidos pelo pacto autobiográfico temos a construção de uma identidade narrativa, a presença de um “si mesmo” e não de um “mesmo”.

2. Autobiografia x romance autobiográfico

Conhecido o funcionamento do conceito de pacto autobiográfico, verificamos que é a partir dele que podemos estabelecer claramente uma oposição entre autobiografia e o romance autobiográfico.

Ao lermos os textos de Lejeune, nos quais o crítico trabalha com a definição de autobiografia, percebemos que tal definição caminha paralelamente com o conceito de pacto autobiográfico, tornando praticamente impossível tentarmos definir um sem falarmos do outro.

Partindo da definição de autobiografia que aparece como

Narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2008, p.14)



ISSN: 1983-8379

Lejeune, ao fazer uma análise dessa definição, diz ser muito difícil uma dissociação completa entre autobiografia e seus subgêneros, sendo às vezes muito sutis e até mesmo imperceptíveis as diferenças entre eles. Para o teórico, é a proporção com que se preenche ou não as categorias presentes na definição, como história individual, narrativa em prosa, que permite estabelecer transições da autobiografia, que segundo ele, apresenta ao mesmo tempo todas as condições, com o que pode ser chamado de seus subgêneros como as memórias, que preenche apenas algumas, deixando, em alguns casos, de ter como assunto principal a vida individual para abrir espaço para questões como história social ou política. O que o francês aponta é o seguinte

Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem (LEJEUNE, 2008, p.15)

Ou seja, retornamos ao pacto autobiográfico.

Portanto, reconhecemos que o conceito de pacto autobiográfico é essencial para o conceito de autobiografia. É o pacto que sustenta a autobiografia. Além disso, é através do pacto que conseguimos distinguir a autobiografia e seus subgêneros do romance autobiográfico. Nesse último, por mais que o leitor tenha razões para acreditar que os fatos narrados, são realmente da vida do autor, esse optou por não afirmar a identificação autor, narrador e personagem. Portanto, não se pode confirmar nada, pois o pacto firmado é o romanesco, caracterizado pela não existência dessa identificação. Aqui no Brasil, citamos *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, dentre muitos outros, como exemplo de obras que são chamadas de romances autobiográficos.



ISSN: 1983-8379

Então, podemos dizer que a leitura de uma autobiografia difere da leitura de um romance autobiográfico. Um leitor de autobiografia se comporta de uma maneira diferente

Ele é objeto de um pedido de amor. É levado a tomar partido, a ser testemunha, como se fosse membro do júri de um tribunal criminal ou de recurso. (LEJEUNE, 2003,p.50)

Lejeune diz mais sobre a leitura de uma autobiografia

A minha expectativa não é a do consumo de um objeto imaginário: estou entregue à curiosidade, numa atitude de escuta, em relação a algo que creio ser real (LEJEUNE, 2003,p.50)

A diferença na leitura recai então sobre o seguinte aspecto: na autobiografia o autor se expõe ao afirmar dizer a verdade sobre si mesmo, ao passo que no romance autobiográfico não temos essa afirmação. No romance autobiográfico, ficamos limitados ao texto, ao enunciado. Na autobiografia entra em jogo a enunciação, o sujeito que diz “eu” e afirma, a um só tempo, ser o autor e o narrador e dizer a verdade sobre si

Conclusão.

O romance autobiográfico e autobiografia apesar de se aproximarem no que diz respeito a partirem de uma experiência vivida, se diferenciam com relação à recepção, pois a partir do pacto firmado previamente pelo autor, temos modos de leitura distintos.

Referências

Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. In: ALENCAR, José de. *Ficção Completa*. São Paulo: Companhia Aguiar Editora, 1959, vol. I

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão. Sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LEJEUNE, Philippe. *Definir autobiografia*. In MOURÃO, Paula(org). *Autobiografia. Auto-representação*. Lisboa: Edições Colibri, 2003

_____. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.